

RECRIANDO E DIVULGANDO O EGITO ANTIGO NO BRASIL¹

Moacir Elias Santos²

Antiguidades egípcias não são muito comuns em terras brasileiras, mas desde 1826, a partir da compra de uma coleção de artefatos egípcios e greco-romanos efetuada pelo imperador D. Pedro I, dispomos de múmias humanas e de animais, ataúdes, estelas funerárias, estatuetas de bronze, madeira, faiança, entre outros materiais no atual Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Esta coleção foi enriquecida com algumas doações, como as peças que Dom Pedro II, que era um entusiasta nos estudos da sociedade egípcia, recebeu como presente durante suas andanças pelas terras do Nilo nos anos de 1871/72 e 1875/76. Embora tal coleção possua uma grande importância científica, assim como as outras que se formaram ao longo do século XX, a exemplo daquela do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, elas são desconhecidas pela maioria dos brasileiros, visto que poucas pessoas tem acesso a elas, além dos moradores das cidades onde são mantidas, por diversas razões como a falta de recursos necessários para uma viagem distante.

Uma outra situação que colabora para esta supressão do acesso aos bens culturais pretéritos está diretamente relacionada ao fato de que as peças originais raramente foram retiradas de seus respectivos museus para exposições temporárias, em outros estados da federação. Uma das tentativas de suprir a ausência da divulgação da história do Egito antigo por meio de exposições, provavelmente a mais antiga no Brasil, está diretamente relacionada ao trabalho de dois historiadores. Assim, no presente artigo, apresentamos como ambos se interessaram pelo Egito antigo, a maneira que encontraram para criar as mostras temporárias e um museu permanente, como as reproduções contribuíram para a formação de um novo museu dedicado exclusivamente ao passado egípcio e a continuação

¹ Artigo publicado originalmente no Jornal “O LINCE” da cidade de Aparecida do Norte: Referência: SANTOS, M. E. Recriando e divulgando o Egito antigo no Brasil. *Jornal O Lince*. Aparecida, n. 31, jan/fev 2010. Arqueologia, p. 10-11.

² Moacir Elias Santos é arqueólogo, mestre em História Antiga pela Universidade Federal Fluminense e doutorando pela mesma instituição. Leciona História Antiga e Arqueologia em nível de Graduação e coordena o curso de Especialização em História Antiga e Medieval das Faculdades Itene, em Curitiba.

deste trabalho, que proporciona o acesso à informação e contribui para o ensino e a cultura em diversas cidades.

O Início da Aventura

Numa tarde de 1959 dois jovens irmãos, chamados Jarbas e Eduardo D'Avila Vilela, decidiram ir a um cinema na cidade de Santos para assistirem a uma grande produção que estava em cartaz. O filme era “Os Dez Mandamentos”, do diretor Cecil B. de Mille, que “recriava” monumentais cenários, luxuosas vestimentas e os exuberantes artefatos do antigo Egito. Esta sessão, em especial, mudaria a vida destes dois jovens que se interessaram de imediato pela cultura egípcia antiga (PEREIRA, 1985). Algum tempo depois, Eduardo começou a produzir pequenos objetos a partir de moldes de peças já existentes na residência de sua família, por meio da habilidade herdada do pai, que conhecia técnicas empregadas na elaboração de próteses. Ao mesmo tempo, Jarbas Vilela vasculhava estantes de bibliotecas em busca de mais informações sobre o tema. Ilustrações das peças presentes nas obras serviram para a produção das reproduções que Eduardo materializava em três dimensões a partir da argila e do gesso. Tais materiais começaram a ser expostos em feiras enquanto Eduardo era ainda um estudante ginásial, com não mais que 14 anos de idade. A ampliação da coleção de réplicas, que foram confeccionadas com outros tipos de materiais, e do conhecimento crescente de ambos sobre o Egito, a partir da aquisição de publicações estrangeiras, proporcionaram o surgimento de algumas exposições na cidade de Santos. Foi nesta época que, por intermédio da Associação Brasileira de Estudos Árabes de Santos pertencente ao clube Sírio-Libanês, os irmãos receberam um convite para uma exposição na Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba (VILELA, 2009).

Nascia, assim, no princípio da década de 1970, um projeto dos irmãos Vilela de levar uma exposição itinerante a diversas cidades. No interior do estado de São Paulo o acervo com reproduções de arte egípcia passou pelos municípios de São Bernardo do Campo, São José do Rio Preto, Taubaté, na XX Semana de Monteiro Lobato, e Assis, cuja mostra foi concretizada a pedido do prefeito da cidade (PEREIRA, 1985). Em cada lugar por onde passavam a exposição atraía milhares de visitantes, mas o apoio ao trabalho de ambos era restrito. O reconhecimento oficial ocorreu quando, para a surpresa dos dois,

receberam uma visita do embaixador egípcio que lhes propôs uma exposição na capital do Rio Grande do Sul. A mostra foi concretizada em 1973, na prefeitura de Porto Alegre, e reuniu aproximadamente 40 mil pessoas. Eles também estiveram na cidade de Salvador, ocasião em que receberam apoio da Universidade Católica e da Associação de Arqueologia e Pré-História da Bahia (VILELA, 2009).



Figura 1 – Réplicas de algumas peças encontradas na tumba do faraó Tutankhamon expostas em uma das extremidades da sala do museu, em Aparecida do Norte. Em primeiro plano, o trono ao lado de um busto de madeira, o segundo ataúde, a máscara funerária e a deusa Serket, com braços abertos.

Em meados de 1975 o envolvimento crescente com a antiguidade egípcia levou os irmãos Vilela a ingressarem juntos no curso de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos, a Unisantos. Ao longo deste tempo Eduardo produziu mais réplicas, inspirado pelas imagens dos acervos do Museu do Cairo, do Louvre, do Museu Britânico, entre muitos outros. O volume de peças, que ocupava uma significativa parte da casa da família em Santos, levou os irmãos a procurarem a prefeitura do município para propor a instalação de um museu permanente. Sem uma resposta positiva, a situação serviu para instigar Jarbas e a criar um museu em outro local. Foi então que, após a conclusão do curso de História, ambos resolveram, já em de 1979, levar a coleção para a cidade de Aparecida.

O Museu do Egito em Aparecida do Norte

Os irmãos estavam certos que a cidade com o maior centro de peregrinação religiosa do Brasil seria o local ideal para a instalação de um museu definitivo, visto a proximidade que a história egípcia antiga e a de diversas sociedades próximo-orientais mantinham com

determinadas passagens bíblicas. O primeiro local escolhido por Jarbas foi um espaço na estação rodoviária. De início, Eduardo produziu dois painéis que retratavam figuras egípcias e inscrições que foram colocados na entrada. Já os materiais que se encontravam em caixas passaram às vitrines e Jarbas começou o processo de divulgação. Por meio de um impresso da época, sabemos que os irmãos propunham divulgar vários aspectos da cultura egípcia, com suas pesquisas mais recentes, com uma programação de caráter anual que incluía projeção de slides, filmes que foram ofertados pela Embaixada do Egito, exposições temporárias e cursos abertos à comunidade.

Figura 2 – Vista parcial do Museu do Egito em Aparecida do Norte, com a tampa do ataúde de Djedisef em destaque no centro da sala. Esta réplica de ataúde foi a única que restou, depois que uma inundação do rio Bachacheri atingiu o Museu Egípcio e Rosacruz, em 1993.



Nesta época Jarbas e Eduardo Vilela já tinham a intenção de materializar uma antiga idéia, a “Casa das Civilizações”, um museu que também incluiria outras sociedades antigas, como as da Mesopotâmia e as da América Pré-Colombiana – cujas réplicas já tinham sido reunidas em um bom número. O que marcou o trabalho de ambos nesta época foi o interesse em difundir a cultura contribuindo na circulação do saber, seja por meios próprios ou pelas idéias para a promoção de futuros debates e conferências com pesquisadores do país e do exterior.



Figura 3 – Detalhe da réplica da múmia do faraó Tutankhamon na época em que foi exibida em Aparecida do Norte. Junto ao corpo do rei estavam expostos diversos objetos, tais como colares, peitorais e peças de uso pessoal.

Um ano depois, por intermédio do padre Arlindo Santiago, Jarbas conseguiu um espaço maior na galeria do Hotel Recreio, situado próximo à Basílica Velha (PEREIRA, 1985). No local, praticamente todo o acervo egípcio pode ser exposto e o espaço passou a ser conhecido pelos visitantes como “Museu do Egito”. Pelas fotografias da época é possível reconhecermos muitos dos objetos e verificarmos como estavam expostos. A coleção de réplicas de peças da tumba do faraó Tutankhamon, que incluíam o trono, a tampa do segundo ataúde, a máscara funerária, o busto em madeira, entre outras de menor tamanho, compunham um conjunto numa das extremidades da sala. Nesta mesma parte estavam expostas a múmia do faraó Tothmés III, exatamente como tinha sido encontrada em tempos de sua descoberta, além de peças de mobiliário como as cadeiras da princesa Sat-Amon e do arquiteto Ka. Na outra extremidade da sala, três grandes vitrines continham as réplicas das múmias dos faraós Ramsés II, Séti I, exposta dentro de um ataúde, e de Tutankhamon, profusamente acompanhada por jóias e outros objetos que foram encontrados junto ao corpo do rei. Vitrines suspensas junto às paredes continham estatuetas, múmias de animais e caixas de *ushabtis*. Outras, no centro da sala apresentavam obras de arte da sociedade egípcia, como o famoso busto da rainha Nefertiti e a estátua do escriba sentado do Museu do Cairo. As paredes eram ocupadas por pinturas que reconstituíam inúmeras cenas do antigo Egito e que mostravam o modo de vida de

membros da elite e de pessoas comuns, além de réplicas de pinturas antigas, a exemplo da rainha Nefertari.

Figura 4 – Vitrine do Museu do Egito de Aparecida, com esculturas em diversos materiais. Ao centro, uma réplica da estatueta da divina adoradora Karomama, ladeada por imagens de deuses: Ísis lactante, Hórus e Ptah-Sokar-Osiris. Na extremidade há uma peça de madeira e um fragmento de uma cabeça real.



O museu converteu-se em uma grande atração na cidade de Aparecida do Norte. Milhares de turistas, provenientes de muitos estados, que vinham para a peregrinação acabavam por conhecer o museu e o visitavam em diversas ocasiões. Já na entrada era possível ouvir o som de composições oriundas de filmes épicos que proporcionavam um clima diferenciado. O visitante poderia contemplar, sem sair do Brasil, reproduções de peças que estão mantidas em grandes museus de diferentes continentes. Após dois anos de funcionamento do museu, os proprietários do espaço acabaram por solicitá-lo. Tentou-se uma mobilização para a sua permanência, inclusive com a ajuda de João Bouéri, da rádio Universal, mas sem sucesso. Em outubro de 1982 o jornal ValeParaibano noticiou o encerramento com o título “Por pouco caso das autoridades fechou as portas o Museu do Egito” (POR, 1982). Os irmãos deixaram o local e resolveram separar suas atividades. Jarbas continuou seu trabalho como professor em Aparecida e decidiu concretizar um projeto de um centro cultural. Eduardo ficou com a coleção de objetos que havia levado anos para produzir e, sem espaço para eles, decidiu doá-los para a Loja Rosacruz de São Paulo. Neste local as peças permaneceram expostas temporariamente, mas o seu estado de conservação já passava por alguns problemas. As fotos do depósito proporcionam uma visão de um material que estava se degradando e que precisava passar por uma restauração.

Figura 5 – Vitrine do Museu do Egito, em Aparecida do Norte, com diversas estatuetas *shabtis*. Estas imagens eram colocadas nas tumbas para realizar os trabalhos para seu proprietário no reino de Osíris. Pertenciam a faraós Tutankhamon, Séti I e Ramsés IV, e a distintos membros da elite.



Surge um Museu Egípcio no Paraná

Ao perceber que, ao longo do tempo, seu trabalho poderia ser perdido, Eduardo redigiu uma carta endereçada ao então Grande Mestre da Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis, Charles Vega Parucker, propondo-lhe que criasse um espaço destinado a abrigar a coleção em Curitiba, tendo em vista que a sede da AMORC já possuía a arquitetura inspirada no Egito antigo. Ele também destacou que um

museu representaria um grande atrativo para o público, sabendo que a Ordem Rosacruz teria um importante papel educativo-cultural. Ao refletir sobre a proposta, Charles Parucker resolveu levar a idéia adiante e solicitou à Loja São Paulo para que a coleção fosse trazida para o Paraná. Assim, em 17 de outubro de 1990, por ocasião da XIII Convenção Nacional Rosacruz, o Museu Egípcio e Rosacruz foi inaugurado. A primeira exposição de longa duração, sem título, exibiu apenas parte da coleção, visto que o museu possuía apenas duas salas.

Seguiram-se outras duas mostras, intituladas “Egito Magia de Um Povo” e “O Egito Faraônico, uma Eterna Presença no Presente”, que foram compostas pelos artefatos que se encontravam na reserva técnica, sob organização da supervisora cultural da AMORC, a historiadora Profa. Maria Aparecida Marcondes. Durante a terceira exposição, no dia 21 de abril de 1993, um imprevisto, decorrente de uma inundação do rio Bacacheri, acabou por interromper as atividades do museu que teve que ser fechado. Muitas das réplicas que se encontravam expostas foram danificadas ou ficaram inutilizadas, entre as quais estavam os

cinco ataúdes e a réplica da múmia de Sétí I, que quase foi destruída (SANTOS, 2010). Logo após a catástrofe, Maria Aparecida redigiu uma carta endereçada a Eduardo Vilela, informando-lhe sobre o ocorrido e pedindo-lhe auxílio para a indicação de quem pudesse confeccionar novas peças, principalmente ataúdes, para substituir aqueles que foram perdidos com a inundação (MARCONDES, 1993). Eduardo, contudo, não teria como confeccionar novas peças, visto que se encontrava em uma nova produção artística criativa. Outros artistas substituíram o seu trabalho e o Museu Egípcio e Rosacruz prosseguiu com novas exposições, atraindo cada vez mais visitantes tanto para as mostras permanentes quanto para as temporárias. A cidade de Curitiba havia se beneficiado e, certamente, conseguiu uma grande atração turística-cultural.

Nasce um Novo Museu

Muito anos passariam até que Eduardo Vilela decidisse retomar o antigo trabalho de reproduzir réplicas de peças egípcias. Desta vez, o retorno ocorreu em 1995, devido a um convite de um amigo, que estava organizando um encontro científico na Universidade Federal do Paraná. A partir de algumas peças, surgiram outras e logo uma nova coleção estava formada. Ataúdes com múmias, estátuas de deuses, de faraós e de indivíduos comuns, além de jóias, amuletos e peças de uso cotidiano. Tudo ajustava-se perfeitamente para uma nova exposição itinerante intitulada “Egito: 5000 anos de Civilização”, que percorreu diversas cidades no estado do Paraná, tais como Curitiba, Ponta Grossa, Guarapuava, Pato Branco, Maringá, Paranavaí e Campo Mourão; de São Paulo, a exemplo de São José dos Campos; e do Mato Grosso do Sul, a cidade de Campo Grande. Algumas mudanças na trajetória artística fizeram com que Eduardo acabasse por deixar o trabalho com o museu itinerante. Um grande volume de réplicas cujo armazenamento era difícil, contudo, fez com que ele se desfizesse de parte do acervo. Esta coleção foi então adquirida pelo Museu Egípcio e Rosacruz, que as expôs na mostra permanente “Egito, Cultura e Misticismo: Legado Milenar Imensurável”, que foi inaugurada em setembro de 2000. O restante do acervo permaneceu com Eduardo até o final do ano de 2002, quando as peças foram adquiridas pelo Museu de Arqueologia, em Ponta Grossa, e pelo Museu Egípcio e Rosacruz, de Curitiba.

Eduardo voltou a produzir mais de cento e cinquenta réplicas a partir de 2004, e estas constituíram um novo museu itinerante que apresenta a exposição “Egito Antigo: Mitos e Símbolos”, que já percorreu muitas cidades do estado de São Paulo e atualmente concentra-se nas cidades do Vale do Paraíba. A coleção foi exposta em Guararema, com o apoio da Divisão de Cultura, em Jacareí, no Museu de Antropologia, e em Pindamonhangaba, no Museu Histórico e Pedagógico.

Cinquenta anos depois do primeiro contato dos irmãos Vilela com o Egito antigo, numa forma de produção e dedicação praticamente ininterruptas na pesquisa e a na elaboração de um acervo de réplicas, Eduardo certamente teve um papel importante pois contribuiu para originar outros museus e mesmo inspirou uma nova geração de pesquisadores. Pois a constituição de coleções com reproduções de materiais arqueológicos certamente fortalece o acesso à cultura e à ciência da Egiptologia para uma determinada parcela da população que dificilmente teria condições de conhecer os museus do exterior, e mesmo os acervos formados por objetos originais em outras cidades brasileiras, como as que atualmente são expostas nas capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Referências:

LUZ, L. A. Museu feito em casa. São Paulo/ Arqueologia, p. 80-81.

MARCONDES, M. A. [carta] 29 abr. 1993, Curitiba [para] Eduardo Vilela, São Paulo. 1 p. Contando sobre os problemas no museu e pedindo informações sobre confecção de sarcófagos.

PEREIRA, F. Mágico museu ambulante: a história das civilizações, reunida graças á dedicação de um professor. ValeParaibano, Vale do Paraíba, 5 de mar. 1985.

POR pouco caso das autoridades: fechou as portas o museu do Egito. ValeParaibano, Vale do Paraíba, 20 de out. 1982. Vale Viver.

SANTOS, M. E. O Egito em museus paranaenses: possibilidades para o ensino e a pesquisa (no prelo, 2010).

VILELA, E. D. Um pouco de sua trajetória com as exposições. Curitiba, Prédio da Administração da AMORC, 24 de abr. 2009. Entrevista cedida a Moacir Elias Santos.